

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 12 do 4.º Ano—N.º 162

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 25 de Dezembro de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

A festa da Família

Fóra da Família quasi tudo é falso, hipócrita, envenenado. A nossa imperfeição moral, já tam largamente atestada e que só muito tarde terá um conveniente concêto, como que se dissipa no seio da Família.

Não nos admirêmas de que tal suceda: o amôr é a origem dessa transformação que por instantes suavisa as amarguras que de fóra levamos, — resultado certo e pungente do rude batalhar com os homens, com as suas trações, os seus descabidos doestos, a sua pertinaz hipocrisia, tudo macabramente conjugando-se na ânsia de cada um vencer a seu modo, mediante a adopção dos processos que milhores considere, as dificuldades que possam estorvá-lo de tocar com a possível rapidez a meta dos seus desejos.

Por isso é que a festa da Família merece a nossa mais sincera e acendrada consagração.

Alguém dirá, de modo enfático e snóbico, que consagramos a rotina. Embora; nós, os modestos homens do norte, por sinal um pouco mais portugueses que os do sul, acostumamo-nos a bem-dizer pela vida fóra, numa talvez característica ingenuidade que a ninguém é dado perturbar, a íntima e ruidosa festa da Família, à qual, de resto, dedicamos a nossa mais efusiva e grata afeição.

Pudesse a nossa existência prolongar-se por dilatados anos, ainda que a miude golpeada por desgostos sem número, que nós permaneceríamos fieis a este sentimento de amorosa veneração por todos aquêles que, como nós, formam o núcleo de indivíduos que constituem a nossa Família.

E como quem nos lê perfilha certamente idêntico sentimento, segue-se que a festa que hoje vamos realizar e que já repetidas vezes levamos a efeito em outros anos, pertence à série das que mais carinhosas recordações de si podem deixar em corações humanos.

Nem tudo quanto gosa da fama de tradicional é digno de subsistir. O passado, em determinados casos, não deve reproduzir-se indefinidamente. Há velharias que pedem a altos brados que as extingamos para que em seu lugar se coloquem coisas novas, com uma feição em tudo harmônica com a época em que foram criadas.

Porém, a festa da Família há

de existir, há de realizar-se até à extinção da humanidade.

Ela é feita da pungente saudade dos que já não vivem, das lágrimas de enternecimento dos que, velhinhos e alquebrados, se preparam para a morte, do riso alacre dos moços e das berratas vivas, penetrantes, das loucas criancinhas que se amestram num descuido, num desalinho de indiferentes ao mal, para a luta bem mesquinha, mas afinal necessária, desta vida miserável que vivemos e que, apesar disso, por mais que se prolongue sempre nos parece curta...

Dessa exquisita e simbólica e delectosa orquestração incumbem-se o amôr, que, irradiando-se no seio da Família, a une e enlaça... para a vida e para a morte.

Cá fóra, em contacto com os homens, conhecidos e desconhecidos, raro se estabelece a perfeita harmonia, porque o egoísmo e a inveja nos separam e perturbam a ponto de constantemente nos traírmos dum modo ignobil, que até faz afastar a ideia de que a civilisabão já tenha atingido aquêlê grau de culminância que às vezes, por descuido, declaramos haver alcançado.

Lá dentro, na casa onde nascemos, em contacto com aquêles em cujas veias gira o mesmo sangue que aviventa as nossas, há uma vibração serena e límpida de verdade, de sinceridade e dedicação que garante a perfeita harmonia em que desejáramos, talvez por mero e fortuito idealismo, existisse fóra da porta...

Pois que assim é, rememoremos para a imitarmos hoje, se tanto se torna necessário, aquela deliciosa passagem da «Fecundidade», de Zolá, quando Mateus, o honrado chefe duma numerosa família e protagonista do encantador romance, reúne em certo dia toda a sua descendência, já composta de dezenas de pessoas, num frugal banquete ao ar livre, para se rever feliz e satisfeito na sua obra humanamente extraordinária.

Essa festa de família, em nada inferior àquela que nós anualmente realizamos, é um modelo digno de ser imitado por aquêles que, como nós, à família dedicam a milhor e mais cara das afeições.

R.

BOAS-FESTAS

A todos quantos nos ajudam pela colaboração, assinatura e anúncio, endereçamos o nosso cumprimento de boas-festas. ☺ ☺ ☺ ☺ ☺

ECOS

Os operários

O presidente do ministério, falando no parlamento, salientou a facto triste de as classes operárias haverem recebido a benéfica lei dos accidentes no trabalho com pouco menos que indiferença.

Pois quê! Eles eram lá capazes de confessar que a República sabe e pode efectivar uma parte do programa económico do socialismo de Max?

Depois, isto de dar prova de reconhecimento é artigo de luxo para muita gente.

Pelo bem

Já o dissemos e não sentimos cansaço em repeti-lo. Existe nesta terra uma instituição, quasi anónima, que realiza o alto e humanissimo pensamento da caridade cristã:—chama-se a Creche de S. Vicente de Paula. Há dias, ai andaram na difusão da sua obra inspirada no amor do próximo, buscando colher de visu quais os mais carecidos da sua esmola, entanto que prometiam premiar dos pobres a sua limpeza—[pois é em verdade uma virtude rara, como se a água não corresse abundante e pelo preço da chuva!

O terceto

Um dos números que chama—como a melhor fita—concorrência ao cinema do D. Afonso, é a música. Os artistas que fazem o seu terceto tem méritos para brilhar, são elementos da milhor factura. Sómente parece que vão perdendo o gosto na variedade, ao mesmo tempo que não perdendo, por vezes, aquêlê ritmo de execução que nêles tanto nos habituamos a apreciar em delicado gôso espirital—honra lhes seja.

Ora, vamos! Não queiram monotonisar as noites d'êste inverno asperrimo de provincia.

Sejam rasoáveis—e amigos.

Os Jovens

Aquella juventude degenerada que faz club ali na Praça de S. Tiago, votou grande salsifré oratório e musical na perfeita identificação de que êste mundo é uma bola, bola que partida ao meio dá duas gamelas... o escopo máximo das crenças dessa divertida rapaziada.

As damas, em grande numero, não falharam a chamada, em perfeito contraste com a sua ausência na erudita conferência de há dias sobre um tema sério e util—a propagação da árvore. Belo! bellissimo! tudo isto...

Demósthene

Em casa de Laís, Demósthene entrara: Como Athenas inteira, o supremo orador Vinha comprar também, nuns minutos d'amor, O corpo escultural dessa beleza rara.

Quási a possuira já, de tanto que a sonhara: E ao vêr, gloriosa e núa, em todo o seu esplendor, Cingido o strofion d'oiro aos dois seios em flôr, Essa linda mulher que se vendeu tam cara,

Tímido, perguntou: — «Um só beijo fugaz, Por quanto o vendes, grega?» E ela, num gesto lento: — «Conta mil drachmas, velho, e tu me possuirás!»

— «Quê? Pagar por tanto oiro o beijo dum momento? Dar mil drachmas por ti? Não, mulher, fica em paz: Eu não compro tam caro um arrependimento!»

Júlio Dantas.

Os que partem

Para a ventura? para a desventura? Não o curam saber—os bisonhos portugueses que aos bandos se somem pelo funil tremendo da emigração para o Brasil.

Eles lá vão!... E se querem saber, (se alguém fór mordido pela curiosidade de saber) o que fazem êles por lá, é lerem as noticias alarmantes expedidas pelos consulados da colónia, impotentes para valerem a miséria dos patricios.

—Parem!—é o grito prudente que dali enviam aos que, atacados duma vertigem obsecante, se esquecem de que a decantada «árvore das patacas», se não secou de raiz, está contudo muito esgalhada.

Júlio Dantas

A êsse espirito luminosissimo que enche de brilho a literatura portuguesa, foi prestada, em Lisboa, uma homenagem carinhosa e eloquente—daquelas que tem cunho e significação meritória.

E' que o mimoso autor da «Ceia dos Cardeais», compreendendo bem a fase de transformação social e política operada na terra portuguesa, soube, dum modo elevado e grande, engastar o estro de escritor e poeta com o bater vivo e quente do coração da Pátria.

Glória, pois, ao seu nobre talento!

«detective»

Estávamos decididos a ler em silêncio o último capítulo das aventuras d'êsse Homero de Lencastre, armado em policia célebre,—por conta da República, segundo uns, ao serviço dos conspirantes, segundo outros. Mas não. E' descargo de consciência dizer desde já que tal Homero, poisado algum tempo entre nós, deixara de si a ideia nitida e exacta—dum escroc!

Se êste registo não inibe que êle se tornasse um hábil espião, deixem nos ao menos desconfiar

que Homero a êsse ponto chegasse—por amor à República.

—Quem lhe oferecera os últimos 40 dinheiros da ultima traição?

Centro Republicano de Guimarães

Tendo a direcção d'êste Centro resolvido, de harmonia com os estatutos, efectuar palestras e serões de leitura que aproveitem à instrução dos seus associados, propôz-se o illustre deputado sr. Dr. Eduardo de Almeida iniciar a primeira palestra, a qual terá lugar no próximo sábado, pelas 20 1/2 horas.

Na Câmara

Reunião preparatória

No próximo domingo reunem, na sala municipal, os 32 vereadores eleitos para o triênio de 1914 a 1916, inclusivê, para o efeito de escolherem a sua comissão executiva, que é composta de 9 membros effectivos e 9 substitutos e respectivamente os presidentes.

Natal dos Pobres

Caridoso anónimo nos incumbiu de fazer chegar ao Asilo de Santa Estefânia 5000, o que fizemos, com aprazimento, pois sempre é grato havermos conhecimento de quem sabe ser generoso e bom com a infância desvalida.

Cumprindo o legado dum seu bemfeitor, a comissão administrativa da Santa Casa da Misericór-

dia deu ontem, no Asilo dos Inválidos, a ceia de consoada a 20 pobres.

Também a mesa da irmandade de S. Crispim, dando cumprimento ao legado dum seu benfeitor, distribuiu ontem no seu albergue a ceia de consoada a doze pobres, seguida duma outra destinada a todo o pobre que appareceu.

Conforme noticiamos, as juntas paroquiais distribuíram pelas 3 freguesias da cidade a quantia de 7250.

Como de costume, os presos da cadeia civil de Guimarães receberam esmolas de alguns benfeitores para a ceia de consoada do Natal.

REPORTAGEM

Nos dias 24, 25, 26 e 30 do corrente e 1 e 2 de Janeiro, toda a correspondência postal deverá levar o selo «Assistência».

VITIMADO pela tuberculose, faleceu na segunda feira passada o sr. Manuel de Sousa Vinagreiro, filho do importante proprietário desta cidade, sr. Domingos de Sousa Vinagreiro, a quem endereçamos os nossos sentimentos.

PEDE-NOS a corporação policial desta cidade para, em seu nome, agradecermos aqui a generosidade dos srs. Conde de Margaride e João de Melo, que mandaram entregar aquela corporação, respectivamente, a quantia de 10000 e 2000, para a consoada dos guardas.

Aos regedores das freguesias deste concelho foram expedidos editais anunciando a abertura do cofre da recebedoria no dia 2 do próximo mês de Janeiro para a recepção das contribuições: industrial, sumptuária, décima de juros e foros da fazenda e de conventos suprimidos.

Na passada segunda feira, pelas 20 horas e meia, manifestou-se princípio de incêndio na casa habitada por José Anaio, do lugar do Sardoal, sendo prontamente extinto por alguns populares. Também compareceram no local do incêndio os bombeiros voluntários.

TRABALHA-SE activamente na repartição de finanças no serviço da contribuição predial de 1913, para cujo fim se instalou ali a luz eléctrica.

No mercado de sábado vendeu-se o milho ao preço de 760 o duplo decalitre.

Hoje exhibir-se há no cinematógrafo «Central Chantecler» a fita de grande sensação **Os Miseráveis**, dividida em 9 partes, com 4.000 metros e 250 quadros.

O dia de hoje é dedicado á Festa da Família. E' porisso consagrado de gala nacional.

O sr. José Borges Teixeira de Barros recebeu a Cantina Escolar Vimaranesense a quantia de 250 para melhoria da refeição das crianças da mesma.

Teatro D. Afonso Henriques

Hoje Quinta feira 25

DUAS DORES

OU

FOTOGRAFIA MISTERIOSA

3 partes — grandioso successo

Esclarecendo

Dos complicados brados e irritantes discussões do nosso burgo chega-nos noticia que o sr. Mário Vieira, professor desta cidade, me comenta com desfavor porque, em tempos, lhe ofereci o meu retrato com elogiosas palavras e recentemente, numa sindicância, que ai correu, não as reeditei a seu respeito.

Troveja sua senhoria com aquelle seu característico entono; e, carregando o colorido, frisa a contradição do Cónego, que, em seu juízo, é um tipo ordinário e traidor á sua consciência, é um gajo que foi depôr por imposições, é... tudo o mais que accode á fantasia do sr. Mário na ânsia de colocar-se bem a si e deixar mal os outros.

Sei que uns *filosofinhos* fáceis, que tem ouvido as berradas alegações, dizem cándidos *amens* e andam penalizados pela *minha falta de juízo* em ter oferecido, *in illo tempore*, o meu retrato com recheio encomiástico e saí-me agora um sovina de elogios no meu falar official á autoridade sindicante.

Que sou contraditório, acentuam, em não dizer na sindicância o bem que tinha escrito nas costas da fotografia.

Ora cavaqueemos um pouco, serenamente.

Cheguem-se para aqui os peixinhos, que ouviram o sermão do sr. Mário e porventura se renderam ao calor das suas apóstrofes. Sejam atentos e bem intencionados. Ouçam:

Se o sr. Mário lá tem um retrato meu, com certeza não m'o roubou. Fui eu que lh'o ofereci.

Se nêle se leem palavras de encómio, não foi o sr. Mário que as escreveu. Deve ter sido a minha mão. Mas há muito tempo foi, de certo, tudo isso, porque nem da oferta nem das palavras exaradas me recorde nada. Sei sómente que há bons anos me não entrego ao sport de tirar e trocar retratos com ninguém.

Desse, porém, ou não desse ao sr. Mário o meu retrato com epítetos algo do seu agrado, isso não me prendia a, sobretudo decorridos anos, reproduzir num inquérito official, tais epítetos, se o inquérito visasse outros aspectos da personalidade—Mário ou se a mudança fôsse operada em meu espirito. Mais claro:

Se o meu falar no documento official não corresponde ao do cartão-efigie, isso prova simplesmente que ou o assunto *nos dois lances* não era o mesmo ou que em mim se fixaram outras impressões por factores de ordem vária; e desses factores é importantíssimo o decurso do tempo e o melhor trato e observação dos homens.

De forma que a tal divergência entre o texto da fotografia e o das laudas da sindicância, se alguma coisa vale, é como documento de que o sr. Mário no interregno, que vai da dedicatória do retrato ao depoimento no inquérito, se houve por forma a desfazer-me o castelhinho das ilusões em que eu vivia. *Sibi imputet.*

Queret infirmar um depoimento, porque a testemunha tinha dado, em tempo, um retrato ao Réu, seria o mesmo que não permitir a dois casados divorciarem-se porque, quando simples noivos, haviam trocado cartas amorosas.

E de retratos ficamos entendidos.

Soube também que o sr. Mário propalava «ter-me eu oferecido ao sindicante, por uma carta junta ao processo, para depor contra si» e que assestava contra o negro feito as baterias da mais brava eloquência; e que, de novo, os *filosofinhos* em roda, prontos a amesquinhar por sistema os

que alguma coisa valem, murmuravam pasciamente e sem do caso inquirir, que sim, que eu tinha cometido uma vileza sem nome.

Autorizei o cavalheiro, que esta habilidade me referiu, a apostar 100000 contra dez tostões em *como tal carta não existia*. O resultado foi corrigir-se a maldosa versão. Que não era uma carta, mas um officio meu de 19 de Abril de 1913 e não se deixou de insistir na idea de que eu me tinha *oferecido* para depor contra o sr. Mário.

Aos *filosofinhos*, tão fáceis em abocanhar a honra alheia como quem pouco presa a própria, vou explicar singelamente a história e factura do tal officio e ver-se-há que nenhum *oferecimento* houve, como nitidamente resalta do próprio texto. Ora oiçam com boa vontade de elucidar-se:

Em 11 de Abril de 1913 officia-va-me da capital o sindicante, sr. Vasconcelos e Sá: «... Rogo a v. me informe convenientemente sobre o caso, concretizando quanto possível. (O caso era a viciação de classificações das provas escritas duma candidatura do 2.º grau, e o meu nome e o de outras individualidades desta cidade, dizia o officio, tinham sido invocados no respectivo processo).

Respondi em 19 | 4 | 1913 «... Que sobre a viciação das classificações de provas escritas, da qual possa attribuir-se a responsabilidade a Mário Augusto Vieira, eu nada sabia senão que o presidente do júri, sr. José Luis de Pina, se queixava disso e que eram para mim de todo o respeito as afirmações deste cavalheiro, incapaz de se queixar levemente.»

E para que o sindicante aventasse logo por que motivo lhe apontaram um individuo, *que affinal declarava nada saber*, eu acrescentei: «... Parece que o meu nome foi indicado pelo facto de, em vários lances, eu ter falado nada lisongeiramente do funcionario Mário Vieira, verberando sobretudo a campanha por êle capitaneada contra o seu Inspector.»

E ainda, para que na mente do sindicante não se abrigasse a provável suspeita de que, com o *nada sei* anterior, eu pretendia fechar-me a futuras inquirições, rematei afirmando «... que não recusaria o meu concurso á acção da justiça, se viesse a ser interrogado sobre factos concretos, precisos, determinados, que bem pudesse comprovar (não bastando que eu os acreditasse).»

Eis aqui a história, a urdidura e nexo lógico do meu officio em 19—4—1913.

Chamou-se a isto uma carta na intenção malévola de tornar mais crível o *oferecimento*, na provável segurança de que nada seria contraditado ou esclarecido. Reagi após noticia obtida dos deprimentes comentários. Modificou-se a edição... do soalleiro. Não era efectivamente uma carta, era um officio, mas insistia-se (que parecia mal tanto recuar) em que êsse mesmo officio era um *oferecimento* meu para depor contra Mário.

Cerebrina interpretação! Singular aleivosia! Aponte-se uma só palavra que traduza *oferecimento* ou de onde se induza sequer que eu deponho com prazer. Vá, illustres más-linguas. Revelem-se atilados uma vez!

Note-se que não é tanto para arripiar sensibilidades, como parece, isto de alguém ir oferecer ao tribunal o seu depoimento. Nem sempre daí advem peoria de conceito ou falência de virtude.

Casos há em que somos obrigados em consciência a levar espontaneamente o nosso auxilio á

acção da justiça. Saibam-no o sr. Mário e quaisquer basbaques a quem seduzam os cantos da Serca.

Mas porque tal não houve nesta sindicância, magôa-me e irrita-me que o sr. Mário queira tirar efeitos á custa duma falsidade, uns pobres efeitos, que nada levantam ou melhoram a situação, pois o quilate dum testemunho está na essência de verdadeiro ou falso, não está no acidente de ser oferecido ou requestado. Depois o sr. Mário sabe muito bem que eu não precisava de *oferecer-me para figurar* na sua sindicância. Eu já estava oferecido desde a *étape* Cândido Pinto, e foi o próprio sr. Mário quem para lá me empurrou contra expressa vontade minha. Fiz-lh'a sentir delicadamente uma vez em sua própria morada, outra vez na rua, junto á casa Albino Cardozo. Recordase?

Quando nisto penso e agora noto esta açodada campanha do sr. Mário e seu rebanho *acêrca de retratos oferecidos e de cartas ou officios a oferecer-me*, eu tenho engulhos e sinto em mim dois homens: Demócrito e Heráclito. Enquanto Demócrito, ocorre-me corresponder á tal campanha como um certo papagaio, enfrensiado da música ruim que lhe faziam na sala próxima. Bateu as azas com força e gritou em voz grossa com desafogo que não é para reproduzir diante de senhoras.

Enquanto Heráclito, apetece-me escrever que «deturpar conscientemente os factos de modo a tirar deles, com aparente lógica, a conclusão que mais convém é qualquer coisa como abrir uma porta alheia com chave falsa, vender a chita mais ordinária como se fôsse seda pura.»

Ou então perguntar se «a humanidade continuará sendo, pela História adiante, como um circo de feras indomesticadas, em permanente luta, uns repulsando os outros, cada qual á compita procurando ascender, subir, engalanar-se, sem uma norma fixa de probidade, antes variando-a em cada lance mais do que o chapéu ou o nó das gravatas.»

Agora o mais interessante do caso, que os leitores ainda não sabem, é que está forjado um conluio e tramada uma conjura para

aniquilar-me, num certo dia, com tal officio de 19 | 4 | 1913... Eu me explico:

Sei, de sciência certa, que se projecta apresentar, a 16 de Janeiro próximo, no julgamento do Padre Adrião Saraiva (um *santi-nho* que foi forçado a policiar por injúrias) a cópia da tal carta, officio ou o que quer que seja em que o sr. Mário enxerga o meu *oferecimento* para depor contra êle,—e que se vive na segura e doce expectativa de que vai ser isso a ilibação plena do rev. Neves, a imortalidade autêntica do sr. dr. Portas e a minha eterna vergonha, o meu tremendo *dies magna et amara valde*....

Só Deus Nosso Senhor é que sabe quantas coisas a pena queria já espirrar sobre este tema do polícion em que eu e mais o sr. Promotor do Ministério Público tivemos de meter o Reverendo desbocado. Mas aquietate, pena! Não te antecipes ao tribunal. Limita-te, por enquanto, a pascar de assombro perante o genial *truc* de levar para aquêlê julgamento a tal cópia.....

Em que provará ela que o *virtuoso* sacerdote não insultou o seu antigo, benéfico mestre á conta de êle e mais os colegas lhe não aprovárem um inútil irmão, que a meio do exame, *alguém* lhe aconselhou a retirar?.....

Esquecia-me indicar ao sr. Mário que há uma solução prática nesta sua *coisa*. O sr. Mário anda propalando que eu me ofereci para depor contra si e cita, já não uma carta, mas o meu officio ao sindicante, de 19 de Abril de 1913. Eu contesto e, como não nos convencemos um ao outro, aponto-me um professor, um advogado e um notário, srs. dr. Meira, dr. Mota Prego e João de Oliveira, três homens de reconhecida probidade e de incontestada competência. Submeto-me ao que este júri decidir em presença do tal officio e a uma multa nunca inferior a 20000 para o Asilo de Santa Estefânia.

Também assim lhe agrada?

Não se fala depois mais no caso e tomam os que disso carecerem mais cautela com a lingua. Guimarães, 23 de Dezembro.

Cónego José Maria Gomes.

A Câmara para solucionar o problema da instrução primaria no concelho requer ao Estado um subsídio de 7 contos

Com a autonomia administrativa outorgada aos municípios, é evidente que uma série de atribuições novas lhes estão affectas, sendo porventura a mais importante a que se destina á instrução primaria no concelho. Assim, pois, de 2 de Janeiro em diante, é ás Câmaras Municipais que compete prover a todas as despesas concernentes ao ensino da sua população escolar, acrescendo a obrigação de cuidar e fiscalizar directamente do professorado respectivo, edificios e material de ensino.

Em tais circunstâncias, e no intuito de elaborar convenientemente o mapa orçamental para o próximo ano económico, procedeu a verificação, de acôrdo com o inspector escolar, a um estudo do problema, de onde resultou julgar-se indispensável re-

querer do Estado o subsídio mínimo de 7 contos, visto serem insufficientes os 13 de que ella dispõe na sua quota relativa á instrução e não poder ir buscar-se o excedente a outras verbas nem tampouco recorrer-se a nova tributação.

Pará cobrir este *deficit*,—aliás existente em muitas câmaras, que, na sua maioria, não proviam completa e satisfatoriamente ás despesas do ensino—reserva o governo, como é sabido, um subsídio, o qual será dispensado na proporção das necessidades locais, mediante o parecer respectivo do ministro da instrução.

Eis porque nesse sentido foi enviado ao mesmo, pela actual comissão administrativa, o requerimento seguinte:

«A Comissão administrativa

da Câmara Municipal de Guimarães, distrito de Braga, vem, muito respeitosamente, representar ao Governo da República, por intermédio de V. Ex.^a, pedindo que para este concelho seja distribuído o subsídio para despesas com a instrução primária, de forma que se possa fazer face não só ás criadas já com este importantíssimo serviço, como ás que provierem do desenvolvimento que é indispensável dar-lhe nesta região e que de nenhum modo se pode prescindir.

Presume a Câmara de Guimarães que as receitas de Instrução Primária deste concelho, provenientes de contribuições directas e juros de inscrições, produzam pouco mais ou menos a quantia de 13:000 escudos, e como a despesa, já calculada, é superior a 20:000 escudos, existe portanto um défice de mais de 7:000 escudos.

O Município de Guimarães não pode, de maneira alguma, desviar da sua receita ordinária e extraordinária qualquer verba, ainda que diminuta, para despesas especiais, como seja a da instrução primária, atendendo ás suas excepcionais condições precárias, que estão bem longe de justificarem a suposição em que muitos estão de que este Município pode ter uma vida financeira desafogada, suposição absolutamente errada, e ainda à circunstância, muito para ponderar, de ter a seu cargo despesas que outras Câmaras não tem, como seja, por exemplo, a da Polícia Civil, que lhe custa anualmente 3:500 escudos.

Além disso, é preciso atender-se a que este Município já contribue para a instrução com uma verba maior do que qualquer outro do país, pois, por excepção, tem a seu cargo o custeamento do Liceu Nacional de Guimarães, com o qual dispense anualmente cerca de 7:000 escudos.

Não podem os impostos camarários ser aumentados, visto que este povo já está excessivamente sobrecarregado; e é certo, é mesmo incontestável que este concelho, um dos primeiros do país não só em grandeza como em densidade de população, necessita ainda dum grande número de escolas, ou, quando mais de todo em todo não possa ser, de pelo menos dotar as que se acham legalmente criadas em número de vinte e seis, o que se não tem feito até hoje, não por esquecimento, mas por absoluta falta de receita.

Pelas razões expostas, e confiada no esclarecido critério de V. Ex.^a, vem a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães pedir que o subsídio a distribuir pelo Estado a este concelho para despesas com a Instrução Primária seja superior ao défice calculado de 7:000 escudos, para que a este Município não surjam dificuldades insuperáveis que muito prejudicariam a instrução primária a que esta Câmara vota toda a sua dedicação.

Dada a atenção que o illustre ministro da instrução sr.

dr. Sousa Júnior vem dispensando aos negócios da sua pasta, e tendo em vista a justiça da petição que lhe foi dirigida, por certo o assunto lhe merecerá integral deferimento.

Se outrora este concelho, importante pela densidade da sua população e ária, era um dos que mais analfabetos contava, não obstante ser daqueles que mais proporcionalmente gastava com a instrução, (1) somos hoje levados a afirmar que, sob a égide da República e com os auspícios dum inspector escolar activo, zeloso e empreendedor, felizmente já bastante se tem feito em benefício dêsse magno problema.

Para o comprovar, basta dizer-se que à data do advento do actual regimen existiam no concelho 50 escolas, estando hoje criadas mais 35 — embora destas 35 só 11 fôssem postas a funcionar. Não é porêmtudo. As 61 escolas que ao presente existem para uma população escolar de 7:752 crianças, não são, como bem se calcula, o número suficiente para que por maneira eficaz e segura se extirpe o cancro terrível e avassalador do analfabetismo que entre nós é representado ainda por uma percentagem de 80 por cento, se incluímos aos de idade escolar a população adulta.

Eis porque devemos confiar na deliberação do poder central dando satisfatório deferimento à petição da Câmara, petição que tem a data de 13 do corrente e, cremos, será igualmente patrocinada por quem de direito representa no parlamento os interesses desta cidade e concelho.

(1) Vidé «O Concelho de Guimarães» por João de Meira.

Central Chantecler

HOJE—25—HOJE

Os Miseráveis

O Natal na Casa Patrício

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anúncio inserto na 4.^a página deste jornal.

COMUNICADOS

Um acto que desfaz calúnias

A eleição a que no penúltimo domingo se procedeu na freguesia de Mesão-frio, aliás com rigorosa observância de todas as formalidades legais, e que coloca à frente da Junta de Paróquia Civil os honestos cidadãos Avelino José Fernandes, Joaquim José de Abreu Guimarães, José Joaquim Fernandes, Francisco Gonçalves de Freitas, Bernardo de Oliveira, Manuel de Miranda, Francisco Novais, Francisco Ferreira, José Bento

Ribeiro e Pedro José Carneiro, proclamados por quasi unanimidade de votos, é prova exuberantíssima do quanto são falsas e de requintada malvadez as acusações e porcos enxovalhos que o sr. Francisco Talina, de colaboração com um outro, tem dirigido a homens que, pela sua honestidade e acção, merecem a confiança e a melhor consideração de todo o povo duma freguesia.

O sr. Francisco Talina e o outro, disputaram a minoria, conseguindo — triste figura! — fazer entrar na urna, única e exclusivamente, os seus próprios votos. E tam ranciosos e humilhados ficaram com a derrota, que se retiraram, separando-se sem trocarem uma só palavra.

Mas, com o que poderiam contar dois individuos que nenhum conceito merecem ao povo da freguesia? Com o que podiam contar estes individuos que só por inveja tem vomitado odiosas injúrias? Um, é preciso que isto se saiba, revoltou-se porque estando a usufruir exorbitante remuneração, por si exigida, a título de serviços de escrita prestados à Junta de Paróquia, se viu de repente sem esse usufruto, dispensando-se lhe os seus serviços que nada valiam; outro, sendo em tempo tremeiro da referida Junta de Paróquia, e aproveitando-se da influência do cargo, levantou, como empréstimo, mas sem título algum de segurança, do cofre da Confraria do Sacramento da freguesia em questão, a quantia de 116\$48, revoltou-se por a mesa desta corporação lhe mover processo coercivo para reaver a importância referida, mas que apesar disso não pagou e jamais pagará.

E são estas as causas da guerra injustificada, deslial e caluniosa de tam sérios cavalleiros.

Julgamos conveniente referir aqui que o sr. José António de Macedo, uma das vítimas mais alvejada por o Talina, não faz parte da Junta eleita, por se opôr terminantemente a que o seu nome figurasse na chapa.

Mesão-frio, 16 de Dezembro de 1913.

Pela Junta de Paróquia,

O Vogal,

(a) Avelino José Fernandes.

Agradecimento

Não me sendo possível agradecer pessoalmente a todos as pessoas, que por mim se interessaram durante a minha perigosa doença, o faço por este meio, protestando a todos o meu sincero reconhecimento. Ao meu presado amigo, Doutor Matos Chaves, que com o seu desvelado e sábio tratamento me salvou, não tenho palavras de agradecimento, votando-lhe toda a minha gratidão.

Guimarães, 17 de Dezembro de 1913.

Gaspar Teixeira de Sousa Mascarenhas.

EDITAL

1.^a Publicação

José Maria Gomes Alves, Escrivão da Câmara Municipal deste concelho de Guimarães:

Faço saber, nos termos e para os efeitos do artigo 11.^o do Código Eleitoral, que o período para a inscrição no recenseamento politico que ha-de servir no próximo ano de 1914, começará no dia 2 de Janeiro próximo, e terminará no dia 21 do mesmo mês, podendo, inscrever-se como eleitores, além dos que ficam do anterior recenseamento por terem a capacidade eleitoral exigida pela nova lei, todos os cidadãos do sexo masculino, maiores de vinte e um anos ou que completarem essa idade até 21 de Outubro de 1914, inclusivé, que estejam no gôzo dos seus direitos civis e politicos, saibam lêr e escrever português, e residam no território da República Portuguesa.

Os recenseados deverão escrever o requerimento por seu punho, conforme o modelo n.^o 2, fazendo-o reconhecer autenticamente, a letra e assinatura, por notário, salvo se provarem, por certidão ou diploma especial, que sabem ler e escrever, pois, neste caso, basta o reconhecimento da assinatura.

Juntarão aos seus requerimentos:

1.^o—Certidão de idade nas condições legais ordinárias ou conforme o modelo n.^o 3;

2.^o—Atestado de residência, conforme o modelo n.^o 4 passado pelo presidente da Câmara Municipal, administrador do concelho, junta de Paróquia ou regedor.

Os requerimentos e documentos são todos isentos de imposto de selo e de quaisquer emolumentos ou salários, desde que sejam sómente passados e aproveitados para fim eleitoral.

Guimarães, Secretaria Municipal, 23 de Dezembro de 1913.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

ARRENDAR-SE

Por seu dono ter de retirar para o Brasil, arrendar-se, por preço muito barato, um magnífico prédio, situado ao terminar da rua da Corredoura, freguesia de S. Torquato, o qual tem excelentes cômodos e dispensas, um grande quintal com muitas arvores de vinho e frutos, espaçoso terreno para cultivar, etc., etc.

Para ver e tratar, com Manuel da Silva Leite — Corredoura.

E'ditos de 30 dias

(2.^a Publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Guimarães e cartório do escrivão abaixo assinado correm éditos de trinta dias a contar da segunda e última publicação dêsse no «Diário do Governo», e em um dos jornais da localidade a citar Carlos Xavier Pimenta da Costa, ausente em parte incerta, para no praso de dez dias, findos que sejam os éditos, pagar no cartório do referido escrivão a quantia de dezasseis escudos e noventa e oito centavos e selos da certidão que se liquidarem, proveniente de custas liquidadas nos autos de agravo civil e em dívida ao Tribunal da Relação do Porto, para onde a referida quantia tem de ser enviada, sob pena de, findo o praso, não pagando, se proceder a uma regular execução.

Guimarães, 8 de Dezembro de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 3.^o officio,

Caetano de Faria Lima.

EDITAL

A Câmara Municipal deste concelho de Guimarães:

Faz saber que se acha patente na casa da Câmara, ao exame dos contribuintes por espaço de 15 dias a contar do dia 17 do corrente mês o lançamento do imposto municipal directo que ha de constituir receita do ano de 1914, e incide sobre os juros, ordenados e outros rendimentos isentos das contribuições predial, industrial, sumptuaria e de renda de casas.

Durante o referido praso podem ser apresentadas quaisquer reclamações, devendo os reclamantes instruilas com os documentos que julgarem convenientes, e observar as instruções regulamentares de 22 de Dezembro de 1887 e mais legislação applicavel.

E para conhecimento dos interessados se pública o presente e vão ser afixados outros de igual teor nos lugares do mais publicos do concelho.

Guimarães, 18 de Dezembro de 1913.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Acaba de chegar a bela **geropiça do Alto Douro**, a \$24 centavos o litro, e o bom vinho branco **Bucelas**, da Anadia, a \$12 centavos o litro, à antiga hospedaria de Traz de S. Paio, de **Rodrigo Borges Noqueira**.

Vende-se

Uma morada de casas de boa e recente construção, com quintal junto, situada na rua do Dr. José Sampaio, desta cidade, tendo os números 19, 21 e 23 de policia.

Para tratar, no escritório do Dr. Moreira Sampaio.

Horário dos combóios

Ascendentes

ESTAÇÕES	*	Rápido			Correio			Domingos e dias fer.
		Diário	Diário	Dias úteis	Diário	Diário	Dias úteis	
Linha de Guimarães	FAFE	P.	4,50	7,15			16,05	
	Guimarães	C.	5,43	8,08			16,58	
		P.	6,01	8,16	10,49	13,29	17,07	
	Vizela	P.	6,12	8,33	11,13	13,49	17,30	
	Lordelo	P.	6,23	8,43	11,25	14,09	17,42	
	Negrellos	P.	6,38	8,54	11,41	14,14	17,57	
	Santo Tirso	P.	6,59	9,15	12,02	14,33	18,19	
Linha e Minho	Trofa	C.	7,19	9,30	12,25	14,54	18,39	
		P.	3,23	6	7,55	13,20	15,25	16,40
	Valença	P.	5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19
	Viana	P.	6,07	8,35	11,52	14,55	17,45	20,04
	Braga	P.	7,30	0,44	12,41	15,54	18,57	21,47
	Trofa	P.	8,56	10,30	13,22	16,39	19,56	23,08
	Porto	C.						23,56
L. da	Trofa	P.	5,51	9,46		15,05	19,58	
	Braga	C.	7,44	11,15		15,58	21,29	
	Viana	C.	8,31	11,47		16,26	22,33	
	Valença	C.	10,50	13,19		17,31	23,33	
	POVOA	C.	8,51			17,20		9,17
		P.	8,35		Expresso	Rápido		
	Porto	P.	14,31		15,48	17,54	19,57	
Norte	Lisboa	C.		1,13	23,53	6,25		

Descendentes

ESTAÇÕES	*	Rápido			Correio			Domingos e dias fer.
		Diário	Diário	Dias úteis	Diário	Diário	Dias úteis	
Norte	Lisboa	P.	18,55		21,35	21,35	8,30	
	Porto	C.	0,52		7,35	7,56	14,19	
L. Minho	Porto	P.	4,30	7,26	7,44	8,43	14,13	16,44
	Trofa	C.	5,43	8,06	8,35	9,42	13,03	17,50
		P.	5,51		8,36	9,46	15,05	17,52
	Braga	C.	7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58
	Viana	C.	8,31		10,25	11,47	16,26	19,20
	Valença	C.	10,50		13,19	17,31		0,17
	POVOA	P.				8,03		16,35
L. da	Trofa	P.			8,11	9,58	15,13	18,00
	Santo Tirso	P.			8,31	10,20	15,37	18,18
	Negrellos	P.			8,54	10,41	15,58	18,35
	Lordelo	P.			9,08	10,54	16,12	18,46
	Vizela	P.			0,24	11,08	16,26	18,58
	Guimarães	C.			0,44	11,27	16,45	19,14
	FAFE	C.				11,34	16,58	21,36
L. da		P.					12,28	17,52
		C.						22,32

* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha e Cepães.
 ◊ Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
 • Idem em Madalena, Covas e Cepães.
 • Idem em Espinho, Madalena e Covas.
 •• Idem em Cepães.
 As designações no xadrez das colunas referem-se aos combóios de Guimarães, exclusivamente. Os combóios da Póvoa são diários.
 As comunicações com Lisboa fazem-se em Campanhã.

Livraria editora
GUIMARÃES & C.ª

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Escrich (2.ª ed.)—73 e 74. A obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Escrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis))

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

Natal de 1913

Na Casa Patricio

— DE —

JOAQUIM PATRICIO SARAIVA
 32, Praça de D. Afonso Henriques, 35 — (antigo Toural)
GUIMARÃES

A quem precise de beber do fino recomenda-se o especial vinho de João Eduardo dos Santos, de que é seu único depositário nesta cidade a Casa Patricio.

Fiambre
 especial

ARTIGOS BRASILEIROS || POLVO MUITO BOM

A' CASA PATRICIO acabam de chegar muitos artigos trasmontanos, tais como: alheiras, salpições, azeite, fi-gos, castanha batata e muitos outros artigos daquela região.

Vinho branco e tinto, do Douro, o que há de melhor a preços reduzidos.

Na casa PATRICIO encontra-se o depósito do Pão de ló de Margaride

o verdadeiro, de Leonor Rosa da Silva

Não falta o bom BACALHAU DO NATAL

Também se encontra um bom sortido de artigos de fantasia próprios para brindes do Natal.

Geropiga e vinho branco de Murça
MEL PURO

Antiga mercearia e Confeitaria

Da Porta da Vila

— DE —

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, frutas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial.
 Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

Officina e Depósito de Guarda-sóis e Bengalas

Manuel Lopes Ferreira dos Santos

67, TOURAL, 69
 (Antigo Largo dos Cestos)
 GUIMARÃES

Acha-se esta officina instalada no Toural, 67, 68 e 69, casa aonde esteve a antiga chapelaria do sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos. Nela se vendem, fazem e concertam bengalas e guarda-sóis em preto e côr para homens e senhoras.

Concertos rápidos. Perfeição. Preços módicos

Atelier de costura

DE

MARIA PASTOR

Rua de S. Dâmaso

GUIMARÃES

Executa toda a toilette de senhora e criança pelos últimos figurinos.

PREÇOS MODICOS

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.ª—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

ALVORADA

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

No Cidadão